

DIPUC

Diagnóstico Participativo de Unidades de Conservação



Projeto Doces Matas

IEF - IBAMA - Fundação Biodiversitas - GTZ

Belo Horizonte, MG - Junho 2002

COPYRIGHT 2002 Projeto Doces Matas

Capa e diagramação: Ana Amorim - (31) 9951-0978

Revisão de texto: Laura Lago e Jussara Ramos

Edição Eletrônica, Fitolito e Impressão: Segrac (31) 3411-7077

Fotografias: Arquivo Projeto Doces Matas e Cyro Soares

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca do Instituto Estadual de Florestas/MG

Projeto Doces Matas
DiPUC. Diagnóstico Participativo de Unidades de
Conservação. Belo Horizonte, IEF/IBAMA. 2002.

46p. ilust.

1. Unidades de Conservação. 2. Diagnóstico

CDU: 911.9

SUMÁRIO

1. Apresentação	05
2. Introdução	06
3. Justificativa	10
4. Referência Histórica	12
5. Fundamentação Metodológica	15
6. Processo DiPUC	23
7. Técnicas Aplicadas	27
8. Devolução das Informações	37
9. Situações nas quais o DiPUC é aplicável	38
10. Como o Dipuc pode trabalhar os diversos interesses dos envolvidos .	40
11. Como fortalecer parcerias através do DiPUC	41
12. Recomendações Gerais	42
13. Monitoramento	43
14. Conclusão	44
15. Bibliografia	45

Agradecimentos

Expressamos nossos sinceros agradecimentos aos gerentes e funcionários do Parque Estadual do Rio Doce e do Parque Nacional do Caparaó.

1 - Apresentação

O manejo participativo de Unidades de Conservação - UCs é uma diretriz que já vem sendo utilizada por muitos países, onde existem alianças para o manejo dos recursos naturais. Muitos profissionais, envolvidos nesta empreitada, estão conscientes de suas potencialidades e limitações. Nas instituições brasileiras, entretanto, esta linha de trabalho ainda não constitui prática rotineira.

Neste contexto atua, desde 1995, o Projeto Apoio Técnico à Conservação e Manejo de Unidades de Conservação da Mata Atlântica do Estado de Minas Gerais, também denominado Projeto Doces Matas. Na busca de métodos de trabalho para apoiar as práticas do manejo participativo, um dos grupos temáticos do projeto, com o apoio de uma consultoria especializada, desenvolveu o DiPUC – Diagnóstico Participativo de Unidades de Conservação.

O DiPUC buscou, nas ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo – DRP, uma linguagem acessível a diferentes públicos. O desafio foi adequá-las ao contexto de UCs. O diagnóstico é um meio para estimular e apoiar os membros de um grupo a explorar as suas limitações e potencialidades.

A experiência tornou-se interessante e motivou o grupo a elaborar este ensaio metodológico, para registrar as informações e possibilitar sua aplicação em outras UCs.

2 - Introdução

O Brasil está entre os países de maior diversidade biológica do mundo. Para a proteção desse patrimônio natural vêm sendo estabelecidas áreas protegidas, com regime de manejo especial, conhecidas como Unidades de Conservação - UCs.

Estas áreas somam, aproximadamente, 4% do território brasileiro e estão distribuídas em diferentes biomas, sob a responsabilidade administrativa dos governos federal, estadual, municipal e de particulares.

Para contribuir com a proteção do bioma Mata Atlântica, em Minas Gerais, foi criado o Projeto Doces Matas, com o objetivo de promover o manejo adequado dos recursos naturais, visando assegurar de forma participativa a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável de algumas UCs.

Este Projeto faz parte da Cooperação Técnica Bilateral entre os governos do Brasil e da Alemanha. As instituições executoras brasileiras são: o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA/MG, o Instituto Estadual de Florestas – IEF e a Fundação Biodiversitas. A Agência Alemã de Cooperação Técnica – GTZ executa o Projeto pelo lado alemão.

As três Unidades de Conservação envolvidas no Projeto são o Parque Estadual do Rio Doce, o Parque Nacional do Caparaó e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Mata do Sossego.

Parque Nacional do Caparaó, criado em 24 de maio de 1961, está localizado na divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, no maciço do Caparaó, cujo ponto mais alto é o Pico da

Bandeira. Possui como principais atrativos cachoeiras, matas, trilhas, picos, com vistas privilegiadas do nascer e por do sol. Administrado pelo IBAMA, possui uma área total 31.800 hectares.



Parque Nacional do Caparaó

Parque Estadual do Rio Doce, criado em 14 de julho de 1944. Administrado pelo IEF, é o maior remanescente de Mata Atlântica contínua de Minas Gerais.

O Parque Estadual, com uma área de 35.973 hectares, possui cerca de 40 lagoas naturais e infraestrutura para visitação pública.



Parque Estadual do Rio Doce

Reserva Particular do Patrimônio Natural Mata do Sossego, administrada pela Fundação Biodiversitas, possui uma área de 180 hectares. A RPPN e suas áreas vizinhas formam o remanescente de Mata Atlântica mais extenso e melhor conser-

vado na região dos municípios de Simonésia e Manhuaçu, totalizando 800 hectares contínuos de mata nativa. A reserva abriga várias espécies da fauna ameaçada de extinção, entre elas o mono-carvoeiro.



8

RPPN Mata do Sossego

O Projeto Doces Matas trabalha, nessas áreas, com o enfoque participativo, mas a cultura das instituições públicas segue, ainda, padrões administrativos centralizadores e com hierarquia rígida, onde a participação é um desafio e demanda tempo para que o conceito seja desenvolvido, assimilado e praticado pelos funcionários das mesmas.

Devido a estes fatores, o Projeto trabalha fundamentado em dois importantes componentes:

- 1 – a articulação intra e interinstitucional;
- 2 – o fortalecimento da participação comunitária.

Após longas discussões sobre métodos participativos, sua capacidade de sensibilização e mobilização de comunidades e sua importância para a educação ambiental, um grupo de técnicos do Projeto Doces Matas

aprofundou estudos sobre a utilização de diagnósticos participativos. A metodologia foi desenvolvida com os funcionários do Parque Nacional do Caparaó e do Parque Estadual do Rio Doce.



Reunião do Grupo DiPUC

3 - Justificativa

Numa época em que as instituições se preocupam cada vez mais com a qualidade dos serviços prestados, faz-se necessário a utilização de métodos que proporcionem uma participação mais efetiva, contribuindo para a melhoria na qualidade dos produtos e serviços oferecidos. O uso de métodos participativos, que apoiam os processos de discussão e negociação, ajuda a conciliar diversos interesses, de vários segmentos da sociedade, com os princípios da conservação ambiental.

Os diagnósticos participativos contribuem para o conhecimento e análise da realidade local, de acordo com a percepção de cada ator, sem prevalecer somente a opinião da instituição gestora. Por isso, estes diagnósticos podem ser utilizados como alternativas para propiciar mudanças, pelo seu poder de mobilização e envolvimento dos participantes com as questões apresentadas.

10



Equipe do DiPUC e funcionários do P. E. Rio Doce

O enfoque participativo possibilita o entendimento entre pessoas com diferentes níveis sociais e de escolaridade. A aproximação de status diferenciados acontece durante a troca de experiências e informações dos participantes, quando os conhecimentos são socializados, analisando o contexto a ser trabalhado.

Esta troca de informações gera uma energia construtiva no

grupo, o que possibilita o fortalecimento da auto-estima entre seus membros, além de capacitar os funcionários em serviço, preparando-os para parcerias com outras instituições.

Por tudo isto, os diagnósticos participativos são considerados instrumentos de apoio, na identificação de alternativas de ação mais representativas, estabelecendo canais de comunicação entre os envolvidos.



Equipe do DiPUC e funcionários do ParNa Caparaó

4 - Referência Histórica

A limitação de informações dos métodos convencionais de diagnósticos, somado à necessidade de objetividade e representatividade para “tomada de decisões”, contribuiu para o desenvolvimento de métodos alternativos, visando a integração, o fortalecimento da auto-estima e o desenvolvimento cooperativo.

Estes métodos alternativos apresentam algumas diferenças, especialmente, no grau de participação popular e nas técnicas usadas por cada um; entretanto, a parte histórica é comum a todos eles.

Na década de 40, os sociólogos apresentaram o enfoque “aprender fazendo”, através da “pesquisa - ação”. Com ele, o pesquisador compreende os processos dos grupos em questão, ao participar ativamente do cotidiano dos mesmos, influenciando-os conscientemente.

Nesta seqüência, a antropologia e sua observação participante também contribuiu para o desenvolvimento dos Diagnósticos Participativos, destacando as diferenças entre as visões endógena e exógena, ressaltando as taxionomias locais, as percepções culturais, as tradições e os conhecimentos populares.

Após a Revolução Verde, nos anos 60, surgiu o conceito de Investigação de Sistemas Agrícolas e a partir dele o Desenvolvimento Participativo de Tecnologias, que incorporou o saber e potencialidades dos trabalhadores rurais dos países em desenvolvimento, na geração de inovações tecnológicas.

Fundamentado nas análises de Investigação de Sistemas Agrícolas, surge o DRP – Diagnóstico Rural Participativo. Seus precursores, Conway e outros na Tailândia, contribuíram decisivamente para a criação das suas ferramentas: perfis, mapas informais, diagramas, análises de inovações, etc.

O DRP é uma forma de analisar questões ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais da comunidade rural, visando o desenvolvimento local.

Acentua o papel ativo da população na realização e análise das pesquisas e na avaliação de seus resultados. Realça o processo de intercâmbio de aprendizagem entre os agentes externos e os membros da comunidade na qual se realiza. Valoriza, também, o conhecimento comum sobre as condições locais, como ponto de partida para um plano de ação conjunto.



Diagnóstico do Parque Estadual do Rio Doce

Diagnóstico Participativo de Unidade de Conservação

Em 1999, técnicos do IEF e IBAMA, no âmbito do Projeto

Doces Matas, sensibilizados com a metodologia do Diagnóstico Rural Participativo, para levantamento de informações e envolvimento dos atores, resolveram utilizar algumas ferramentas deste método, para realizar diagnósticos participativos em UCs.

Desde então foi concebido o DiPUC – Diagnóstico Participativo de Unidades de Conservação, a partir de adaptações do DRP, conciliadas com outras referências teórico-conceituais. Para tanto, o DiPUC utiliza instrumentos de comunicação e visualização, que facilitam a participação dos funcionários das UCs e das populações de seus entornos, independente de sua formação escolar.



Diagnóstico do Parque Nacional do Caparaó

Toda esta reflexão metodológica vem sendo cuidadosamente adaptada às especificidades das UCs, que são espaços físicos limitados e protegidos, considerados patrimônio natural e cultural, sob regime administrativo especial, determinado por normas e regulamentos.

Em muitos casos, as UCs estão sujeitas a conflitos com o entorno, seja porque foram criadas em áreas de ocupação humana com práticas rotineiras de queimada, caça, agricultura, extrativismo, ou em locais onde a expansão urbana deu-se de

forma desordenada. Estes fatores geram divergências de interesses no uso dos recursos naturais.

Com o objetivo de amenizar estes conflitos, decidiu-se utilizar uma metodologia participativa em UCs, visando contribuir para:

- capacitar os funcionários em serviço;
- possibilitar o fortalecimento da auto estima dos participantes;
- socializar os conhecimentos e as informações sobre a UC.

14



Informações sobre a UC

5 - Fundamentação Metodológica

A adaptação da metodologia do Diagnóstico Rural Participativo para a realidade das UCs, se fundamenta em aspectos pouco observados e que dificultam o fluxo de comunicação entre os funcionários. A rotina de trabalho não estimula a troca de informações. Cada funcionário desenvolve sua tarefa, reconhece a existência de problemas, mas não procura encontrar as soluções de forma compartilhada.

Quando se realiza um diagnóstico participativo o fluxo de informações circula entre os participantes, de maneira espontânea e analítica. A diferença dos métodos convencionais para a metodologia participativa reside, exatamente, nas descobertas que os participantes fazem sobre a UC, durante o levantamento de dados, revelando aspectos que resgatem a história ou refletem questões adormecidas.

A experiência demonstra também que, quando o objeto trabalhado é visualizado e concretizado através de símbolos, o conhecimento se materializa e a realidade se apresenta com mais transparência. Por isso, utiliza-se objetos e materiais disponíveis no local (gravetos, folhas, pedras) para retratar simbolicamente sua realidade.

Constatando que a maior parte dos funcionários das UCs tem pouco acesso a informações, o que favorece a manutenção de uma cultura de privilégios e conseqüentemente de exclusões, procurou-se estruturar um método que através da linguagem simbólica, propicia o levantamento de dados, democratiza informações e contribui para um processo de reflexão e ação.

A ênfase no DRP se deu porque é um enfoque inovador, com potencial para identificar objetivos. Essa opção impõe alguns desafios, pois requer uma atitude diferenciada por parte dos

agentes externos, que assumem um novo papel de catalisador e não mais o de promotor do desenvolvimento.

Os métodos e técnicas do DRP são variáveis e susceptíveis à adaptação. Inicialmente, foi concebido para a zona rural, na fase de planejamento de projetos e no âmbito de estudos exploratórios. Atualmente, estão sendo utilizados, com êxito, em todas as fases do planejamento, onde as atitudes e o saber locais são essenciais.

16

As práticas do DPR têm demonstrado impactos positivos nos participantes, surpreendidos pela criatividade e saber da população local.

Os processos de diagnósticos participativos criam esperanças e expectativas. Se estas não são satisfeitas, implicam em frustrações dirigidas automaticamente ao Projeto. Por isso, os diagnósticos devem ser compreendidos como um processo de cooperação a longo prazo com grupos sociais. Isso é váli-

do, tanto para projetos de desenvolvimento, como de conservação ou combate à pobreza.

A prática tem demonstrado que a inclusão de várias instituições relacionadas com o contexto, desde o início do processo, contribui para o reconhecimento e divisão de responsabilidades de todos, esclarecendo as diferentes atitudes, mediante a aplicação de ferramentas apropriadas. O êxito de um diagnóstico participativo depende da experiência pessoal e profissional de quem o aplica. Para tanto, um requisito básico é uma capacitação esmerada e o apoio da instituição coordenadora.

Os diagnósticos participativos são capazes de promover um desenvolvimento autônomo graças a seu instrumental sensível e orientado às atitudes, possibilidades e conhecimentos da população local. Mas, também, pode contribuir para a debilidade de tais potencialidades, caso não haja compromisso das instituições e demais envolvidos com a continuidade do processo.

DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

VERTENTE TÉCNICA + VERTENTE SÓCIO-POLÍTICA
(conhecimento) (motivação para tomada de decisão)



PARTICIPAÇÃO EFETIVA
sensibilização / motivação
envolvimento e responsabilidade

ETAPAS DE UM DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO:

- formação da equipe interdisciplinar (técnicos, lideranças tradicionais, etc.);
- levantamento de dados secundários com vista a complementar os temas a serem trabalhados;
- apresentação do grupo de trabalho e dos objetivos do processo;
- sistematização e análise dos dados levantados;
- orientação para os envolvidos no processo sobre os fundamentos, métodos e técnicas do diagnóstico participativo;
- aplicação das técnicas selecionadas;
- consolidação dos resultados da aplicação das técnicas;
- devolução dos resultados;
- monitoramento e avaliação dos avanços obtidos em função do processo participativo.

DiPUC - Diagnóstico Participativo de Unidades de Conservação

O DiPUC é um método fundamentado no enfoque participativo, para analisar a realidade de UCs, por meio de um processo de aprendizagem compartilhada.

É indicado para levantamento de dados e análises qualitativas, assim como para incentivar o fortalecimento da participação dos envolvidos com a Unidade.

18

Objetivos do DiPUC:

- viabilizar a participação dos diversos envolvidos com a UC;
- levantar e analisar informações para dar suporte aos planejamentos setoriais na UC;
- subsidiar a elaboração e/ou atualização do Plano de Manejo;
- preparar as equipes para a gestão participativa da Unidade e para trabalhar com as comunidades de entorno.

O DiPUC contribui para:

- nivelar conhecimentos entre os envolvidos;
- possibilitar relacionamento mais horizontal, entre os diferentes níveis funcionais;
- criar, entre os funcionários das UCs, maior intimidade com processos participativos;
- subsidiar práticas educativas (educação ambiental, ecoturismo, práticas ambientais sustentáveis);
- construir visão de futuro, aprimorando a reflexão sobre o manejo de UC e seu entorno.



Diferencial DRP/DiPUC

O DiPUC é uma adaptação do DRP. O diferencial do DiPUC em relação ao DRP está no objeto trabalhado e não nas ferramentas utilizadas.

O Diagnóstico Participativo de UCs é uma forma mais flexível

de identificar problemas e potencialidades da Unidade.

Durante as oficinas são utilizadas ferramentas apropriadas para levantamento de informações, criando situações provocativas.

DRP

Levantamento, reflexão e análise de questões ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais da comunidade rural.

Subsidia o planejamento do desenvolvimento local.

Levantamento participativo de situações e questões em uma comunidade rural.

Incentiva a mobilização de comunidades rurais.

Aproxima e facilita a comunicação entre diferentes grupos hierárquicos na comunidade rural.

Possibilita a identificação de potencialidades dos moradores das comunidades.

DiPUC

Levantamento reflexão e análise das questões ambientais, sociais econômicas, políticas e culturais da realidade da UC e entornos, através de informações dos seus funcionários.

Subsidia o planejamento da UC e de atividades relacionadas à conservação ambiental dos entornos.

Levantamento participativo de situações e questões sobre a vida da UC e do entorno.

Incentiva a mobilização de funcionários da UC e de moradores do entorno.

Aproxima e facilita a comunicação entre diferentes níveis hierárquicos da instituição e desta com a comunidade.

Possibilita a identificação de potencialidades dos funcionários das UCs e parceiros.

Princípios básicos do DiPUC

Horizontalidade

De modo geral, os funcionários da UC têm nível cultural e de escolaridade muito distintos. É comum a presença de técnicos com altos níveis de graduação, trabalhando junto a funcionários de pouca escolaridade. Os primeiros podem desconhecer a dinâmica de vida do local e os últimos não possuírem completo domínio e entendimento dessas dinâmicas.

O DiPUC busca meios que permitam uma comunicação mais horizontal, espontânea sem privilegiar um ou outro.

20

“Me senti à vontade no momento das discussões”
Citação de um participante durante a oficina.

Praticidade

Trata-se de uma representação da realidade local, a partir da prática de vida dos participantes, motivando-os através do reconhecimento do saber de cada um, não se restringindo portanto a conceitos teóricos.

Adaptabilidade

Os recursos e materiais utilizados são os disponíveis na UC. Não são necessários equipamentos nem materiais especiais. A utilização do método requer uma equipe capacitada.

Participação

É fundamental a participação efetiva dos funcionários da UC. As técnicas são todas voltadas para grupos, sendo utilizadas entrevistas individuais apenas em momentos de checagem e/ou complementações finais.

Pesquisas estruturadas

Os levantamentos de dados são realizados de forma estruturada, por meio de técnicas previamente selecionadas e testadas. Constata-se a precisão das respostas durante as discussões e, caso haja necessidade de verificação das mesmas, recorre-se a outras fontes.

Equipes catalisadoras

A equipe, que deverá ser multidisciplinar, tem função primordial de catalisadora de um desenvolvimento autônomo, devendo

portar-se como incentivadora e não influenciar no processo. Não se faz o diagnóstico para os envolvidos, mas com os envolvidos.

Aprendizagem contínua

A aprendizagem é contínua e flui entre os funcionários da UC e a equipe coordenadora. Cria-se uma dinâmica de crescimento, através do conhecimento sobre a UC, considerando-a ponto de partida para um plano de ação conjunto.

“Muita coisa ficou clara para mim. Através da oficina descobri coisas do PERD que ainda não sabia”.

Focalização

Além de coletar informações, tem a finalidade de estimular os participantes na busca da reflexão e da ação.

Os diagnósticos participativos são realizados com objetivos definidos. É importante que as equipes tenham cuidado, para que o trabalho não se torne um amontoado de informações, desvinculadas do objetivo proposto.

É necessário que haja discernimento sobre o que se pode ignorar e o grau de exatidão que se deseja alcançar. Durante os levantamentos, a equipe deve evitar buscar um detalhamento desnecessário. O alcance da pesquisa e da análise se limitará ao que for considerado suficiente, para identificar as necessidades ou a atividade proposta.

Flexibilidade

Os levantamentos de dados são realizados de acordo com a necessidade de informações sobre a UC. A partir daí, são escolhidas as ferramentas a serem utilizadas.

Monitoramento

O acompanhamento deixa de ser uma atividade desenvolvida pela equipe coordenadora do diagnóstico e passa a fazer parte da gestão compartilhada do processo. Aumenta a capacidade de analisar e registrar as mudanças ocorridas, com possibilidade de maior acerto na identificação de ações corretivas.

Heterogeneidade

A composição do grupo deve considerar a multidisciplinaridade e, também, o equilíbrio entre os participantes: número

de homens e mulheres, agentes locais e externos. As fontes de informação devem buscar diferentes pontos de vista (pessoas, lugares, acontecimentos e processos) e devem ser analisadas com diferentes técnicas, por meio de cruzamento de dados.

Instrumentos apropriados

O DiPUC utiliza uma variedade de técnicas de investigação estruturadas, que se complementam. São claras, compreensivas, adaptadas às condições da UC e abertas às mudanças que se fizerem necessárias. Devem apoiar as intervenções, pois o êxito da ação depende das propostas apresentadas. Esses instrumentos servem para favorecer a participação dos mais retraídos.

Visualização

Na visualização compartilhada (mapas, maquetes ou diagramas) todos os presentes podem contemplar as figuras, apresentar propostas de modificação, destacar os problemas, ordenar e reordenar os objetos e/ou esquemas utilizados.

A equipe condensa os dados levantados, apresenta e discute-os publicamente. Os resultados devem ser apresentados de forma visualizada, por meio de slides, fotografias, desenhos ou tabelas.

Documentação

Todas as informações, modelos e mapas da UC, elaborados em conjunto, favorecem a reflexão. Devem ser condensados, registrados em relatórios, desenhos ou fotografias e disponibilizados para o grupo envolvido.

6 - Processo DiPUC

A participação de funcionários de níveis hierárquicos diferentes nas discussões, onde os superiores ou chefes estejam presentes, ainda é uma etapa de construção de novos paradigmas.

O método propõe etapas flexíveis de construção de um processo de aprendizagem compartilhada, conhecimento da realidade em questão, envolvimento e comprometimento gradativo dos diversos envolvidos.

A instituição deve estar sempre atenta e preparada para a responsabilidade com os impactos gerados.

Não existem regras fixas para se realizar um diagnóstico participativo em uma UC. Existem recomendações, que devem ser levadas em consideração, para efetivação do processo:

- existência de um mínimo de dez participantes, que atuam em diferentes funções;
- garantir uma seqüência de atividades ou oficinas, até que o levantamento de dados possa ser considerado suficiente, pela equipe;
- considerar o desejo e a disponibilidade dos envolvidos em participar do processo.



Transcrição do mapa do Parque Estadual do Rio Doce (elaborado pelos funcionários)

Como o ambiente das UCs engloba os seus entornos, o DiPUC prevê as seguintes etapas do processo:

I – Diagnóstico participativo na UC ☒ foco: Unidade de Conservação

Levantamento de dados

O processo de levantamento de dados da UC deve ocorrer num clima de descontração, confiança e serenidade para que todos os participantes possam expor seus conhecimentos e esclarecer suas dúvidas, de maneira reflexiva e consciente. Durante as oficinas as informações circulam, proporcionando o nivelamento de conhecimentos, o resgate da história e da memória local.

Sistematização

Compete à equipe de trabalho anotar as informações, para sistematização após as oficinas. A sistematização dos dados deverá ser realizada por membros da equipe coordenadora, anteriormente definida.

Recomenda-se a devolução das informações levantadas, aos participantes, analisando os problemas e potenciais da Unidade, levando em conta os ambientes interno e externo.

Cada instituição tem liberdade para utilizar os dados de acordo com sua necessidade.

II – Preparação de parcerias com instituições ☒ foco: Unidade de Conservação & outras instituições

É um processo de curto, médio e longo prazo, que deverá ser iniciado com instituições com potencial para parcerias. É fundamental esclarecer objetivos e interesses de cada instituição, ressaltando os benefícios de um trabalho cooperativo.

Etapa 1

Diagnóstico participativo na UC.

- I - Preparação do diagnóstico.
- II - Realização da coleta de informações: ferramentas DRP.
- III - Devolução das informações com análise das mesmas, em agrupamentos visualizados de: pontos positivos e negativos.
- IV - Identificação de nós críticos.
- V - Definição da visão de futuro da UC.

Etapa 2

Preparação de parcerias.

- I - Identificação dos envolvidos na UC e no entorno.
- II - Definição da estratégia de envolvimento dos interessados:
 - informação;
 - sensibilização;
 - articulação.



Dinâmica de Grupo com os funcionários no Parque Nacional Caparaó

7 - Técnicas Aplicadas

As técnicas aplicadas mostraram-se adequadas a uma situação, na qual os participantes possuem graus de instrução e funções diferenciados, proporcionando um ambiente favorável ao conhecimento da UC, sem provocar constrangimentos. As etapas foram desenvolvidas, observando uma seqüência lógica, com instrumentos que possibilitaram uma leitura mais ampla do contexto, inclusive a caracterização do espaço físico, facilitando a participação dos funcionários, além de registrar a memória da experiência.

Assim, recomenda-se como etapa inicial, a construção do mapa, que permite visualizar a distribuição espacial da UC e suas características principais. Avaliando as informações obtidas, identificam-se as necessidades de complementação das mesmas.

Os resultados devem ser transportados do solo para o papel ou fotografados. Durante a aplicação é importantíssimo anotar os depoimentos e discussões.

Ao relacionar a aplicação das técnicas aos produtos obtidos, constata-se que, além da amplitude de discussões que as mesmas podem gerar, cada uma se otimiza para um determinado tema.



Participação de um funcionário da UC

Mapa

Conhecimento mais profundo do espaço físico da UC, seus problemas e potenciais

O mapa é uma técnica que serve de base para as outras etapas. A partir do nivelamento de informações sobre o espaço físico da UC, os participantes têm uma referência mais fundamentada para prosseguir na investigação. O mapa é usado como trabalho inicial porque é abrangente e exploratório.

28

Procedimento

Solicitar ao grupo que elabore um desenho da UC no chão, usando materiais diversos para simbolizar limites, cursos d'água, pontos geográficos, construções e outros.

A atividade se desenvolve num processo de investigação oral e visual, relacionando os materiais (símbolos) com sua respectiva significação para a UC. Exemplo: cordas – rios.

Durante a atividade atentar para palavras ou expressões cujo significado demonstre situações de conflito, problemas ou informações não compartilhadas.

Após cada atividade os componentes do grupo devem transcrever o trabalho para o papel.

Observação

Caso o local não disponha de materiais para a confecção do mapa, a equipe deve providenciar, com antecedência, cordas, pedras, galhos, etc. Após a realização do mapa, as informações obtidas devem ser avaliadas para se proceder à seleção da próxima ferramenta a ser trabalhada.



Mapa do Parque Estadual do Rio Doce

“Trabalhamos dentro de uma UC e ao participar da apresentação do mapa aprendi muita coisa, pois ficamos centrados quase que no escritório da administração”.

Calendário de atividades

Envolvimento e participação dos funcionários

O calendário anual ajuda a identificar as atividades rotineiras da UC, ressaltando as épocas de maior ocorrência das mesmas.

Procedimento

Traçar duas linhas perpendiculares no chão. No eixo vertical, registrar as atividades através de símbolos e no eixo horizontal, definido como linha do tempo, pontuar os meses do ano.

Nos cruzamentos das linhas, os participantes representam o período de realização das atividades e a intensidade das mesmas.

Potenciais

Identifica-se as ações realizadas por épocas do ano, podendo auxiliar na distribuição de tarefas. Demonstra-se, também, o acúmulo de atividades em determinadas épocas.

Limitações

O calendário anual não deve ser considerado como padrão, porque a intensidade em que as atividades ocorrem pode variar de ano para ano. Por exemplo, em ano de seca prolongada, as atividades de prevenção aos incêndios florestais são intensificadas.

30



Calendário de atividades do Parque Nacional do Caparaó

Calendário de atividades

Atividades	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Área Administrativa	••	•	•	•	•	•
Manutenção infra-estrutura	••	••	••	••	••	••
Coleta de lixo	••	••	••	••	••	••
Turismo	••	•••	••	•••	•	•
Plano Integrado de Prevenção aos Incêndios Florestais	••	••	••	••	••	••
Fiscalização	•	•	•	•	•	•
Atividades do Viveiro	•	•	•	•	••	••
Educação Ambiental Palestras	•	•	••	••	••	••
Capacitação	•	•	•	••	••	••

Atividades	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Área Administrativa	•	•	•	•	•	••
Manutenção infra-estrutura	••	•	•	•	•	•
Coleta de lixo	••	•	•	•	•	••
Turismo	•	•	•	•	•	••
Plano Integrado de Prevenção aos Incêndios Florestais	••	••	•	•	•	•
Fiscalização	•	•	•	•	•	•
Atividades do Viveiro	••	••	••	••	•	•
Educação Ambiental Palestras	••	••	••	••	•	•
Capacitação	•	•	••	••	••	••

- Atividades rotineiras e meses de pouca ocorrência de atividade
- Meses de média ocorrência de atividades
- Meses de grande ocorrência de atividades

Diagrama de Relações ou de Envolvimento

Identificação dos problemas que dificultam a gestão

Essa técnica serve para identificar os diversos atores envolvidos (pessoas, grupos e/ou instituições) com a UC e as relações entre eles, analisando o grau de envolvimento e de importância de cada um.

Procedimento

Representar a UC no centro do diagrama. Solicitar que os participantes da oficina levistem as principais instituições e atores envolvidos com a Unidade, discutindo o seu grau de envolvimento e de importância.

A importância dos envolvidos é representada por círculos de papel de três tamanhos diferentes (pequeno = pouco importante, médio = média importância e grande = muito importante). O grau de envolvimento é demonstrado pela distância dos círculos de papel no centro do diagrama, que representa a UC.

Potenciais

Identificação de parceiros, conflitos potenciais e existentes. Possibilita verificar o grau de importância e envolvimento dos parceiros, redirecionar as estratégias da UC com relação aos parceiros importantes que estão pouco envolvidos em sua gestão.

“A oficina apresenta realmente o que os atores estão fazendo”.

Diagrama de Relações - Parque Nacional do Caparaó

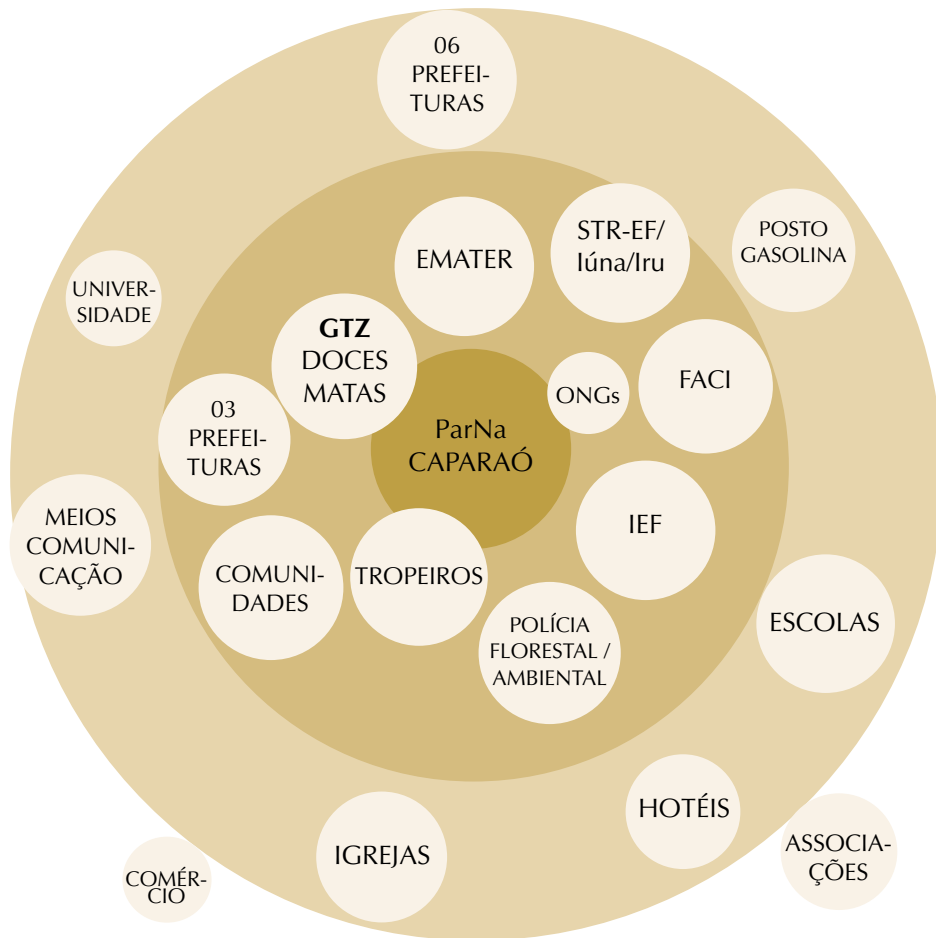


Diagrama de Relações - PERD

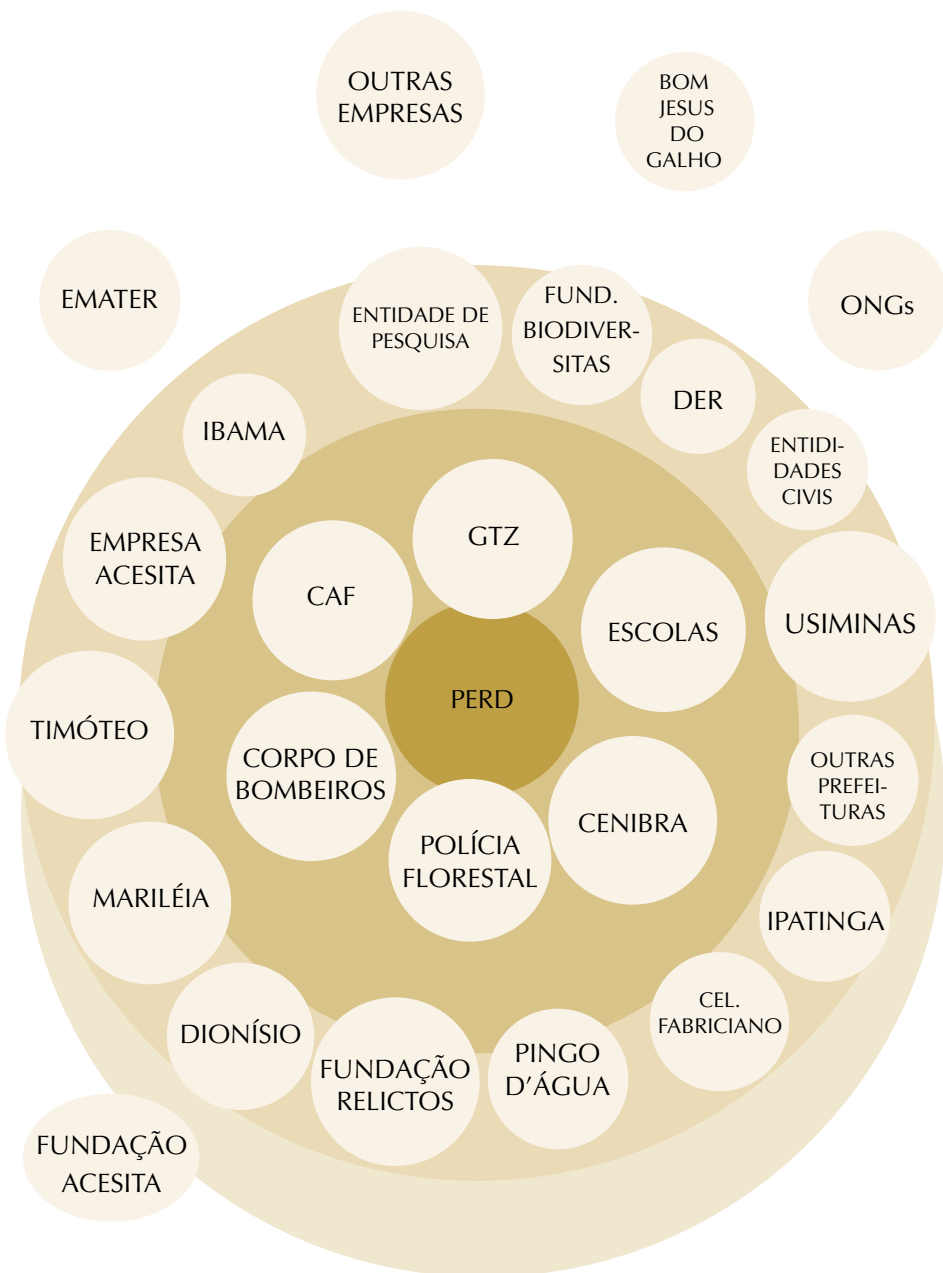


Diagrama de fluxo

Demonstra um quadro geral da percepção das pessoas sobre os processos que acontecem nas UCs, evidenciando e melhorando o entendimento sobre eles.

Pode ser adaptado para o levantamento e análise de causas e efeitos de problemas existentes.

Procedimento

Representar a UC no centro do diagrama. A partir de então, solicitar ao grupo que identifique e represente por meio de símbolos, o fluxo de entradas e saídas de informações, materiais, produtos, pessoas etc.

Potenciais

Identificação de causas e efeitos dos conflitos existentes.

O que sai da Unidade



Linha histórica

Usada para resgatar a memória de fatos e acontecimentos históricos importantes.

Procedimento

Desenhar uma linha no chão e convidar o grupo a relatar fatos/ acontecimentos importantes, registrando-os simbolicamente, ao longo da linha.

Potenciais

A compreensão da realidade atual é favorecida pela discussão de acontecimentos do passado. Estimula a união do grupo, pois desperta o interesse dos participantes, que se surpreendem com informações até então desconhecidas.

Limitações

Necessidade de pessoas que tenham conhecimentos de fatos passados.

Em todas as técnicas foram utilizados materiais disponíveis no local e aplicadas em espaços abertos. Constatou-se que o trabalho transcorreu de maneira descontraída, proporcionando uma grande troca de experiências.

“O DiPUC valoriza o passado, o presente e dá idéias e ferramentas para a administração futura do parque. A equipe participou com muito entusiasmo. Cada oficina tem sua particularidade e aprende-se muito”.

8 - Devolução das Informações

Motivação

Para manter a motivação, deve-se garantir a circulação das informações devolvendo os resultados para os participantes. Logo após a organização dos dados coletados durante a aplicação das técnicas escolhidas, recomenda-se a checagem e análise destes dados de forma participativa, para consolidar as etapas de levantamento. Essa devolução deve ser visualizada através de painéis, de fotografias, slides, datashow, banners e outros, disponibilizada em relatórios.

Articulação

É de fundamental importância para a sustentabilidade do processo que as formas e canais adequados à participação estejam bem articuladas.

Definição dos Nós Críticos

Levantamento de pontos negativos, considerados mais graves, que dificultam o gerenciamento da UC.

9 - Situações nas quais o DiPUC é aplicável

1. No planejamento da UC constitui instrumental para:

- Definir ações a serem realizadas considerando os múltiplos atores, sua análise e aplicação;
- planejar as atividades anuais;
- identificar sobrecarga de funções/atribuições;
- nivelar conhecimentos entre a equipe de trabalho;
- priorizar questões a serem trabalhadas na gestão da UC.

38

2. Sensibilização para questões ambientais

- Facilita o raciocínio sobre as relações, utilizando o conhecimento dos participantes;
- identifica questões que precisam ser trabalhadas;
- identifica os hábitos, comportamentos, costumes e ações, que alteram o ambiente local;
- discute as conseqüências destas ações na vida de todos;
- identifica remanescentes florestais, que precisam ser conservados;
- sensibiliza potenciais parceiros para atividades.

3. Quando há falhas na comunicação interna

- Cria espaço para diálogo;
 - viabiliza a comunicação entre os envolvidos, criando espaço para a discussão;
 - torna mais horizontal a circulação de informações;
 - destina um tempo das oficinas, para informes;
 - utiliza as técnicas para compartilhar e clarear as informações sobre a UC.
-

4. Em situações de conflito

- Cria espaços neutros de apresentação dos diversos interesses;
- identifica e analisa conflitos potenciais existentes;
- propicia distanciamento pessoal, para análise do conflito;
- simula a situação conflitante, de maneira mais imparcial, para clarear situações;
- estimula diversos envolvidos a se expressar e a ouvir;
- proporciona oportunidade de compreensão das diversas percepções ou faces de uma mesma situação;
- facilita o conhecimento de outras situações para esclarecer a questão.

10 - Como o DiPUC pode Trabalhar os Diversos Interesses dos Envolvidos?

- Resgatando fatos, através das discussões e propondo negociações.
- Estimulando abordagens inovadoras de melhorias e soluções.
- Esclarecendo e informando sobre os critérios e limites da UC.
- Discutindo com cada envolvido, a história, as causas e conseqüências de seus interesses.

40

Identificar quais são os interesses, através de reuniões, encontros etc.

Negociar interesses diferentes

Trabalhar interesses comuns

Favorecer a proposta de alternativas compatíveis

11 - Como Fortalecer Parcerias Através do DiPUC

- Divulgando o DiPUC, sua filosofia e criando espaço para diálogo.
- Definindo claramente o papel da(s) instituição(ões) coordenadora(s).
- Identificando potenciais parceiros e interesses comuns.
- Estabelecendo objetivos claros, através de visão de futuro compartilhada.
- Apoiando iniciativas que se somam para alcançar objetivos comuns.
- Definindo e dividindo as responsabilidades.
- Fazendo um planejamento de atividades.
- Cumprindo com as responsabilidades estabelecidas.

12 - Recomendações Gerais

- Monitorar constantemente a execução do DiPUC.
- Primar pela pontualidade nos compromissos.
- Analisar os diagramas, preocupando-se não só em concluí-los, mas em obter o máximo de informações necessárias.
- Prever atividades paralelas com as crianças, para que os jovens e adultos tenham tranquilidade para participar.
- Ser flexível para enfrentar situações, que demandam mudanças na estratégia proposta inicialmente.

42



Técnicas sendo aplicadas

13 - Monitoramento

Um plano se completa na ação e o “saber” daqueles que o executam é, em muitos aspectos, insubstituível. A elaboração e a gestão participativa tornam o plano uma expressão do compromisso coletivo.

O monitoramento participativo envolve múltiplos atores e suas expectativas. Deverá ser trabalhado como um meio e não como um fim em si próprio.

Encontros periódicos de acompanhamento devem ser realizados, com o intuito de manter a motivação dos envolvidos e a credibilidade do processo. Os resultados parciais alcançados e as discussões para vencer as

dificuldades criam um ambiente favorável à continuidade dos trabalhos.

Elementos básicos de qualquer monitoramento: objetivos claros, indicadores precisos, métodos compatíveis com o processo do DiPUC.

O monitoramento deverá verificar até que ponto as atividades estão se desenvolvendo conforme o planejado e o grau de sucesso na busca dos objetivos estabelecidos. Fazer uma reflexão crítica a respeito da metodologia e da análise de dados durante o monitoramento, para investigar as tendências e definir os próximos passos.

14 - Conclusão

O DiPUC foi aplicado no Parque Nacional do Caparaó e no Parque Estadual do Rio Doce.

Os impactos da aplicação do DiPUC foram positivos, viabilizando espaços de participação junto aos funcionários destas UCs.

Os funcionários têm manifestado maior compreensão sobre a realidade da UC e conseguem informar melhor às comunidades e aos turistas sobre a mesma.

Relato de Experiências

1 - No Parque Nacional do Caparaó e entorno, os dados levantados através do DiPUC subsidiaram o planejamento das atividades, a partir do ano 2000.

Segundo depoimentos dos próprios funcionários, as atividades do diagnóstico melhoraram o entrosamento entre os setores e o entendimento sobre a UC como um todo.

2 - No Parque Estadual do Rio Doce, os levantamentos estão subsidiando a elaboração do Plano de Manejo.

“Vimos reforçar que todos aqui são importantes. Eu estava um pouco céptico, e agora acredito que melhorou mais...”. Citação de um participante durante a avaliação da oficina.

15 - Bibliografía

BORRINI-FEYERABEND, G.. Manejo participativo de áreas protegidas: adaptando el método al contexto. Quito: UICN, 1997.
(Temas de política Social)

CHAMBERS, R.. Diagnóstico rápido e diagnóstico participativo de sistemas rurais. Trad. Joselita Wasnieswski, 4p.

-----. Diagnósticos rurales participativos: pasado, presente y futuro. Bosques, Árboles y Comunidades Rurales, FAO, v. 15/16. p.4-9, 1992.

CONWAY, G.R.; PRETTY, J.N.; MCCRACKEN, J.A.. An introduction to Agroecosystem analysis sustainable agriculture programme. Londres: 1987.

GEILFUS, Frans. Ochenta herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación. (GTZ/IICA), 1997.

INSTITUTO ESTADUAL FLORESTAS – IEF ; PROJETO DOCES MATAS. Diagnóstico rural participativo: cartilha comunidade de Mundo Novo, Marliéria – Minas Gerais. Belo Horizonte, IEF, 1999. 23p.

JARA, Carlos Julio. A sustentabilidade do desenvolvimento local. (PCT/SEPLAN – PE/IICA)

OFICINA SOBRE GESTAO PARTICIPATIVA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. Anais... Belo Horizonte: Maria Auxiliadora Drumond (Ed.), Fundação Biodiversitas, 1998. 174p.

PETERSEN, Paulo ; ROMANO, Jorge O. (Org.). Abordagens participativas para o desenvolvimento local. Rio de Janeiro: AS-PTA / Actionaid-Brasil, 1999.

SCHONHUTH, Michael ; KIEVELITZ, Uwe. Diagnóstico rural rápido, diagnóstico rural participativo. Métodos participativos de diagnóstico y Planificación en la cooperación al desarrollo: una introducción comentada. Eschborn: GTZ, 1994.



Idealizadores e adaptação da metodologia DRP

Ilma Pereira de Souza - IEF

Jailma das Graças Soares - IEF/Parque Estadual do Rio Doce

Pedro Roberto Maia Ventura - IBAMA/Parque Nacional do Caparaó

Paulo Rogério Peixoto - IBAMA/Parque Nacional do Caparaó

Colaboradores

Cibele Maria de Sá Bavay - IBAMA

Infáide Patrícia do E. Santo - IEF

Lêda Luz - Projeto Doces Matas

Elke Mannigel - Projeto Doces Matas

Armin Deitenbach - Projeto Doces Matas

Coordenação Editorial

Jussara Ramos - GTZ

Consultora

Maria Alice Salles Moura